

O TEMA DO JESUS HISTÓRICO NA FORMAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO: A RECEPÇÃO DE ERNEST RENAN JUNTO À INTELLECTUALIDADE BRASILEIRA OITOCENTISTA À LUZ DOS ESCRITOS DE LUIZ GAMA E JOAQUIM NABUCO

Juliana Batista Cavalcanti¹

Resumo: Apesar dos historiadores atestarem a importância dos trabalhos de Ernest Renan no processo de formação da nação brasileira, uma obra de Renan é de grande impacto e profundamente esquecida pela historiografia: *Vida de Jesus*. Ela é uma biografia de Jesus e que faz parte da primeira busca do Jesus Histórico. Além disso, é constantemente citada em diferentes documentos de época, sendo decisiva para eventos como a “Questão Religiosa” e no momento de formação de personagens como os abolicionistas Luiz Gama e Joaquim Nabuco. Interessa-nos refletir sobre como foi recebida a primeira fase da busca do Jesus Histórico e qual foi o impacto da mesma sob o cenário brasileiro de finais do século XIX para virada do XX a partir dos escritos de Gama e Nabuco.

Palavras-Chave: Jesus histórico; Ernest Renan; Estado brasileiro; Luiz Gama; Joaquim Nabuco.

THE THEME ABOUT HISTORICAL JESUS IN THE FORMATION OF BRAZILIAN STATE: THE RECEPTION OF ERNEST RENAN IN THE NINETEEN CENTURY BRAZILIAN INTELLECTUAL THROUGH WRITINGS OF LUIZ GAMA AND JOAQUIM NABUCO

Abstract: Although historians attest the importance of Ernest Renan's work in the formation of the Brazilian nation, a work of Renan is of great impact and deeply forgotten by history: “Life of Jesus.” It is a biography of Jesus which is part of the first search of Historical Jesus. Besides that, it is constantly quoted in various documents of the time, being decisive for events as the “Religious Question” and in the moment of formation of characters as the abolitionists Luiz Gama and Joaquim Nabuco. We are interested in reflecting about how the first question of Historical Jesus was received and which were its impacts on the Brazilian scenario of the late nineteenth century to the turn of the twentieth from the writings of Gama and Nabuco.

Keywords: Historical Jesus; Ernest Renan; Brazilian State; Luiz Gama; Joaquim Nabuco.

* O presente artigo é resultado de pesquisa financiada pela CAPES.

¹ Juliana Batista Cavalcanti Miranda Tavares é doutoranda e mestre em História Comparada. Graduada em História pela UFRJ. Atuou como professora da Pós-Graduação de Cristianismos na Unisuam. É pesquisadora do Laboratório de História das Experiências Religiosas da UFRJ.

I. A busca do Jesus Histórico se deu em contexto de uma Europa fortemente impactada pelos princípios iluministas. Antes disso, a vida de Jesus só interessava ao ambiente religioso. Apenas com o ceticismo e aposta de que a razão era a melhor forma de se chegar à verdade que esse quadro mudaria. Com esse ambiente racionalista enfatizava-se um forte ordenamento da natureza e a uma erudição bem organizada que aderisse a metodologias bem definidas para testes e verificação de hipóteses (CHEVITARESE, 2016: 38).

O movimento, que começou com características filosóficas, rapidamente provocou profundos avanços na ciência, na matemática e principalmente na mentalidade ocidental, de tal modo que o impacto foi sentido na política e na religião. Isto obrigou o pensamento ocidental a rever alguns pressupostos referentes à vida que até então eram vislumbrados como objetos não verificáveis.

É nesse ambiente em finais do século XVIII que emergiram as biografias de Jesus que seguiam três critérios: (a) detinham algum esquema ou hipótese sobre o material evangélico, possibilitando uma interpretação de Jesus de acordo com um paradigma consistente; (b) o material evangélico era submetido ao julgamento crítico do autor que poderia excluir essa documentação a partir do que lhe parecia mais correto ou não; e (c) a inclusão de uma reflexão não derivada dos Evangelhos de forma a preencher os vazios narrativos desse material.

Das centenas de biografias produzidas ao longo dos séculos XVIII e XIX, costuma-se destacar quatro por suas semelhanças, diferenças e influências posteriores. Elas foram produzidas por: Hermann Reimarus (1694-1768), Heinrich Paulus (1761-1851), David Strauss (1808-1874) e Ernest Renan (1823-1892). Destas, destacamos a obra de Renan que viu o seu *A vida de Jesus* se tornar um *best-seller* na França e mundo a fora, inclusive no Brasil. Mais claramente, a escolha por Ernest Renan recaí nos seguintes argumentos:

(1) Desde a segunda metade do século XIX até a atualidade o nome de Renan é acionado por diferentes autores brasileiros para diferentes temas, entre eles: as tensões entre religião e política, a origem dos nativos brasileiros, a escravidão, a constituição de uma nação e as regras para a escrita da história do e no Brasil (RUDI, 2016: 195).

(2) Os impactos nas ideias de ciência, nação e passado brasileiros a partir dos laços estabelecidos entre o imperador Pedro II e Renan, que se correspondiam constantemente por meio de cartas. Além disso, a amizade entre ambos gerou premiações e indicações para institutos acadêmicos.

(3) Foi um autor lido e bastante conhecido, inclusive pessoalmente, por diversos intelectuais brasileiros, entre eles estavam: Joaquim Nabuco, Luiz Gama e Euclides da Cunha. Isto implica dizer que muito sobre a percepção de religião dessa elite perpassava pelos dizeres de Renan (BESOUCHET, 1973: 331), ainda que a historiografia opte por omitir, silenciar ou resumir o impacto das ideias de Renan em poucas linhas.

(4) A tradução em 1864 para o português da obra *Vida de Jesus* acirrou o confronto entre o governo brasileiro e o Vaticano. Na transição da monarquia para a república duas palavras passaram a incomodar a intelectualidade brasileira: “raça” e “nação”, sendo decisivos os escritos de Renan para definir “nação” e “povo brasileiro”. Uma vez que o autor francês fazia coro ao darwinismo social e deixava claro que o futuro ideal seria uma “humanidade racialmente homogênea” (FERREIRA, 2007: 285).

Neste sentido, interessa-nos aqui refletir sobre como foi recebida a primeira fase da busca do Jesus Histórico e qual foi seu impacto sob o cenário brasileiro de finais do século XIX para virada do XX, momento em que a ideia de nação estava sendo gestada, na passagem da Monarquia para a República.

II. A segunda metade do século XIX é marcada por uma série de debates e transformações no cenário brasileiro no que diz respeito à mentalidade e à política. Entre eles poderíamos listar: (a) os saldos da Guerra do Paraguai que anunciavam o declínio do reinado de Pedro II, (b) a rápida disseminação dos ideais republicanos fruto da tensão entre liberais e conservadores² e (c) a não-sustentabilidade do escravismo frente aos acontecimentos internacionais em finais do século XVIII e ao longo do XIX (a Guerra de Secessão e a Revolta Haitiana).

Somados a isso, veremos em finais da década de 1860, uma forte renovação intelectual e ideológica ancorada em pensadores europeus, com destaque para os franceses

² Como ponto chave dessa disputa, recordamos aqui a dissolução do governo liberal de Zacarias de Góes e Vasconcelos, por Pedro II, em 1868 por conta das pressões feitas pelos conservadores.

Ernest Renan, August Comte e Hippolyte Taine. A leitura desses autores inseriu a elite brasileira em discussões acerca do positivismo, do evolucionismo, da crítica religiosa, das transformações do direito e da política, do realismo e do naturalismo.

Destes autores sublinhamos Ernest Renan, que com sua crítica religiosa provocou escândalos e ruptura com a doutrina cristã. E. Renan era um teólogo, historiador e filósofo muito impactado pela exegese alemã de David Strauss, da qual compreendia que Jesus e seu ministério em nada dialogavam com um ambiente sobrenatural ou de mistério. Foi entre o fim da missão arqueológica a Fenícia e o período que passou como professor de hebraico no *Collège de France* que ele escreveu a sua obra mais conhecida, *Vida de Jesus (Vie de Jésus)*. Ela foi publicada originalmente em 1863 e no mesmo ano traduzida para mais de dez idiomas. No ano seguinte ganharia sua primeira edição em língua portuguesa, o que revela o seu enorme sucesso. A obra em si era uma popularização das ideias da chamada “primeira busca do Jesus Histórico”. Assim, o intuito era apresentar Jesus como um sábio/intelectual, distanciando-o de um ambiente místico e irracional.

No Brasil, além do original e da tradução portuguesa, circulou também uma edição intitulada *A vida de Jesus por Ernest Renan*³, publicada em Santos no mesmo ano da versão portuguesa. A diferença estava na qualidade do material (FERREIRA, 2007: 281-182):

Por razões de economia, decerto, e no intuito de aliviar a leitura de uma obra original, farta em notas, o editor ou a pessoa encarregada pelo estabelecimento do texto adverte os leitores que, na verdade, eles encontrarão ali um “resumo” e a tradução dos trechos mais significativos do original. O que chamaríamos de infidelidade justificada do tradutor guiou as escolhas que o fizeram retirar a totalidade das riquíssimas e elucidativas notas de rodapé, dois capítulos dedicados às contextualizações históricas e os trechos contendo descrições do meio físico onde evoluía Jesus. O primeiro capítulo, redigido pelo responsável pela publicação, enaltece tanto os méritos quanto o método científico de um estudioso que, mesmo dando provas de “autoridade”, atraiu a iracúndia dos cristãos em vários países.

Ainda em 1864 chegaram ao Brasil as críticas ao texto. Foi editado na Bahia a tradução do livro *Refutação ao romance d’Ernest Renan (Examen critique de la vie de*

³ Segundo Lúcia Ferreira é possível ter acesso ao exemplar dessa obra na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo.

Jésus) do monsenhor Charles-Émile Freppel.⁴ A obra tratava-se de uma resposta feroz de um bispo contrário à sistematização de ideias que contribuiriam para acirrar a tensão entre Igreja e Estados nacionais, o que justificaria a sua chegada ao Brasil.

Lídia Besouchet (1973), uma das primeiras estudiosas a se atentar ao papel desempenhado pelas ideias de Renan no Brasil, acentua que as relações entre Pedro II e Renan eram constantes. Há uma série de correspondências trocadas⁵, visitas⁶ e colaboração mútua para obtenção de agremiações e indicações em institutos acadêmicos⁷. Além disso, a autora sinaliza que as teses científicas e a separação entre poderes espiritual e temporal, apresentadas em *Vie de Jésus*, encontraram “na pessoa e na política do imperador um local de aconchegante recepção” (BESOUCHET, 1973: 331).

Exemplos que identificam o quanto o pressuposto renaniano do liberalismo impactou as ações de Pedro II podem ser identificados com a chamada “Questão Religiosa”, em que o Estado no decorrer da década de 1870 buscou se distanciar da Igreja Católica (especialmente após a publicação da encíclica Syllabus⁸), por conta do padroado e de seu envolvimento com a maçonaria⁹. Quanto a “Questão Religiosa” cabe ressaltar que o Estado aqui não deve ser lido como uma mera personificação de Pedro II. É *mister* recordarmos os outros agentes em torno desse debate e que compõem a estrutura estatal. Entre eles estavam (RAMIRO JUNIOR, 2014: 9):

⁴ Foi bispo na cidade de Angers. Charles-Émile Freppel ministrou, à época, aulas de eloquência sagrada na Sorbonne e assinou uma das primeiras críticas sistemáticas à nova interpretação do personagem de Jesus.

⁵ Membros do IHGB também costumavam trocar correspondências com Renan de forma a obter orientações sobre religião, Arqueologia, entre outros assuntos. A razão para isso é por ver no historiador francês um “grande mestre”.

⁶ Na viagem do imperador a Paris em 1871, por exemplo, um dos nomes registrados no livro de visitas do seu hotel foi o de Renan. Além disso, Lídia Besouchet e Thiago Rudi recordam que havia uma prima de Renan vivendo na corte brasileira.

⁷ E. Renan recebeu de Pedro II a Ordem Imperial da Rosa e o imperador, em 1875, foi eleito para o *Institut de France*.

⁸ Publicada em 1864 pelo papa Pio IX, foi um documento que reunia uma lista de 80 proposições condenando os principais erros da época segundo a Igreja. Entre eles se destacam a crítica à democracia, a separação da Igreja e do Estado, o socialismo, o liberalismo e todas as formas compreendidas como “modernas”. Ver: Ramiro Júnior, 2014: 9.

⁹ O estopim foi a interdição pelo Bispo do Rio de Janeiro de um padre ligado à maçonaria em 1872 Ramiro Júnior (2014) faz um desenho interessante desse quadro sobre os eventos que envolvem a “Questão religiosa” e que podem aqui ser sistematizado nos seguintes pontos: clérigos, maçons, o monarca, o gabinete ministerial e o Conselho de Estado, a Câmara e o Senado, e a sociedade em geral.

(a) regalistas ou saquaremas¹⁰: grupo que predominava o Partido Conversador e compreendia que o poder político deveria controlar a religião oficial. A partir disso, eles defendiam ser possível a promoção da modernização do país por meio da concentração de poder no Estado, responsável pela tutela da esfera social.

(b) ultramontanos: entendiam que a religião era o principal elemento de todo o debate político. Por isso buscavam resistir à diminuição da atuação da Igreja na sociedade.

(c) liberais moderados: previam a ampliação do protagonismo social, conciliando-se com certas tradições políticas ou desenvolvendo um processo abrupto de rompimento, sem adotar uma postura anticlerical.

(d) liberais radicais: tal como os liberais moderados, eles acreditavam no protagonismo social e para isso defendiam a destituição da Igreja na vida social.

A lembrança dessas alas políticas é importante para nós, pois todas elas, sem exceções, pareciam de fato estar impactadas pelas percepções sobre o Jesus Histórico informado por Renan, como nos asseguram historiadores como Lídia Besouchet e Thiago Rudi. Este último afirma que Renan estava “nas bibliotecas de todos os escritores e políticos de fins do XIX” (RUDI, 2014: 20). Jornais como o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Diário de São Paulo*, *A Província*, e a *Gazeta de Notícias* ajudam a mapear a presença do nome do historiador e teólogo francês no cenário brasileiro, como pode-se ler abaixo o fragmento retirado do jornal *Monitor Campista* (1887: 3):

O imperador do Brasil

Lê-se em uma folha belga o seguinte: “S. M. o imperador do Brasil foi virulentamente agredido pela gazeta Croix, editada na Bélgica, que viu um medonho atentado de – leia-se Cristianismo – no incidente de haver o augusto imperador do Brasil, em uma reunião científica, apertado a mão de Ernest Renan. O artigo da Croix foi transcrito em outra folha, também da Bélgica, que comentou-o assim: “Não se avalia o grão de aberração, a que o fanatismo leva os ultramontanos. A Croix publica nesta manhã um artigo, no qual o Imperador do Brasil é tratado de – Deicida –; e eis pelo que: “D. Pedro assistiu ultimamente a uma sessão da academia das inscrições e belas letras de Paris. Sabe-se que ele é correspondente do Instituto. Ora, diz a Croix, temos conhecimento de que sua majestade apertou a mão a M. Renan, esse inimigo pessoal de Nosso Senhor Jesus Cristo”

¹⁰ Assim chamados para remeter o lugar dos primeiros encontros dessa ala.

O TEMA DO JESUS HISTÓRICO NA FORMAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO: A RECEPÇÃO DE ERNEST RENAN JUNTO À INTELLECTUALIDADE BRASILEIRA OITOCENTISTA À LUZ DOS ESCRITOS DE LUIZ GAMA E JOAQUIM NABUCO

Para corroborar com essas falas, apresentaremos abaixo fragmentos de dois intelectuais que nos dão pistas sobre essas bibliotecas e a proximidade e o impacto de Renan sobre suas trajetórias: Joaquim Nabuco e Luiz Gama¹¹. O primeiro deles era o abolicionista e senador que conheceu Renan quando esteve em Paris e que manteve algum contato por correspondência¹². Em suas memórias da época de estudante de Direito, ele acaba por nos abrir uma brecha temporal e nos revela como a obra *Vie de Jésus* fazia parte da realidade dessa elite brasileira oitocentista, como pode-se ver abaixo:

Das influências literárias que sofri, nenhuma se iguala a de Renan. Eu não seria capaz, no entanto, de experimentar hoje a mesma leitura do passado. Eu retirei da minha pequena biblioteca um volume de seu trabalho, reli as páginas que uma vez me tiraram do chão, já não encontro meu sentimento de juventude (...) O que o tornou tão importante escritor foi provavelmente esta viagem às margens do lago de Tiberíades, no poço da mulher samaritana, onde ele viu seu rosto ideal e acreditou ter reconhecido Cristo ali. (NABUCO, 1906: 281-283) (Grifos nossos)

Quando entrei para a Academia [de Direito], levava a minha fé católica virgem; sempre me recordarei do espanto, do desprezo, da comoção com que ouvi pela primeira vez tratar da Virgem Maria em tom libertino; em pouco tempo, porém, não me restava daquela imagem senão o pó dourado da saudade. Basta-me dizer, por enquanto, que a grande influência literária que experimentei na vida, a embriaguez do espírito mais perfeita que se podia dar, pelo narcótico de um estilo de timbre sem igual em nenhuma literatura, o meu *coup de foudre* intelectual, foi a influência de Renan (NABUCO, 1900¹³: 13). (Grifos nossos)

O segundo intelectual Luiz Gama, ex-escravo, jornalista e advogado abolicionista, que se valeu das ideias de Renan para articular suas críticas a Igreja e à escravidão. O excerto que segue, selecionado deste, refere-se a um bilhete redigido por Luiz Gama e destinado a seu filho Benedito Graco Pinto da Gama (GAMA, 1870):

¹¹ A escolha desses dois autores deve-se ao fato de ambos serem abolicionistas, frequentadores de lojas maçônicas e por também estarem ligados a estamentos sociais distintos. Fica claro que Joaquim Nabuco leu a obra de Renan na íntegra e em francês, mas estamos de acordo com o rápido esboço feito por Lígia Ferreira de que Luiz Gama teria tido acesso à edição brasileira do livro de Renan, muito embora reconheçamos que cabe um maior aprofundamento sobre o tema e que ainda está à espera de sê-lo feito. Para uma introdução do tema ver: FERREIRA, 2007: 280-283.

¹² J. Nabuco não disfarça a alegria em ter conhecido Renan, relatando o encontro em duas situações distintas. A primeira delas foi em seu texto *Minha formação* (1900) e o segundo em *Pensées detachées et Souvenirs* (1906). Em ambos os casos são destinados capítulos para falar sobre a relevância de Renan sobre sua formação intelectual.

¹³ A data se refere a publicação original, mas estamos usando a edição de 1948.

Meu filho, dize a tua mãe que a ela cabe o rigoroso dever de conservar-se honesta e honrada; que não se atemorize da extrema pobreza que lego-lhe, porque a miséria é o mais brilhante apanágio da virtude. Tu evitas a amizade e as relações dos grandes homens; porque eles são como o oceano que aproxima-se das costas para corroer os penedos. Sê republicano, como o foi o Homem-Cristo. Faze-te artista; crê, porém, que o estudo é o melhor entretenimento, e o livro o melhor amigo. Faze-te apóstolo do ensino, desde já. Combate com ardor o trono, a indigência e a ignorância. Trabalha por ti e com esforço inquebrantável para que este país em que nascemos, sem rei e sem escravos, se chame Estados Unidos do Brasil. Sê cristão e filósofo; crê unicamente na autoridade da razão, e não te alies jamais a seita alguma religiosa. Deus revela-se tão somente na razão do homem, não existe em Igreja alguma do mundo. Há dois livros cuja leitura recomendo-te: a *Bíblia Sagrada* e a *Vida de Jesus* por Ernest Renan. Trabalha e sê perseverante. Lembra-te que escrevi estas linhas em momento supremo, sob a ameaça de assassinato. Tem compaixão de teus inimigos, como eu compadeço-me da sorte dos meus. Teu pai, Luiz Gama. (Grifos nossos)

Tanto os trechos selecionados de J. Nabuco quanto o de L. Gama demonstram uma intelectualidade cada vez mais distante de justificativas irracionais, místicas ou doutrinárias e mais próximas de concepções racionais e científicas. Tal como aparece em: “esta viagem às margens do lago de Tiberíades, no poço da mulher samaritana, onde ele viu seu rosto ideal e acreditou ter reconhecido Cristo ali”, marcando assim a necessidade de inserir Jesus num “contexto histórico”, justificado por evidências advindas da História e da Arqueologia:

Colocado em sua configuração restaurada pela ciência das línguas e raças, a figura do Messias adquiriu mais alívio e foi mais facilmente isolado do céu. Para reduzi-lo a pura humanidade, entendemos que tinha que ser feito mais vivo. Para isso, com os detalhes sobreviventes, refizemos o teatro de sua vida com perfeita precisão: as colinas, o lago, o horizonte, os matizes da paisagem, as flores dos campos, a beleza das mulheres, tudo o que tem mantido alguma parcela disso. (NABUCO, 106: 288)

Essas evidências documentais e provenientes de um ambiente ceticista, poderiam gerar certo “espanto”, como se expressou J. Nabuco, pela recém autonomia adquirida com os “novos ventos iluministas” para se pensar de temas religiosos até então restritos as esferas teológicas e confessionais com finalidade de “restrição moral”, como ele coloca em outro momento ao definir religião:

Foi Renan quem operou em minha casa a separação entre imaginação e raciocínio em assuntos religiosos. A religião tornou-se com ele uma forma

O TEMA DO JESUS HISTÓRICO NA FORMAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO: A RECEPÇÃO DE ERNEST RENAN JUNTO À INTELLECTUALIDADE BRASILEIRA OITOCENTISTA À LUZ DOS ESCRITOS DE LUIZ GAMA E JOAQUIM NABUCO

literária sedutora, uma refinada tentação da mente, e não mais como antes um obstáculo e uma absoluta restrição moral. (NABUCO, 1906: 286)

Mais do que isso, a recepção dos estudos sobre o Jesus Histórico à luz de Ernest Renan possibilitou releituras do Nazareno, bem como do que poderia ser interpretado como disciplinado. Como fica claro em: “Sê republicano, como o foi o Homem-Cristo” e “Faze-te apóstolo do ensino”.

Em outras palavras, o Jesus que se desenhava para esses intelectuais a partir da síntese de Renan era:

(a) um ser extremamente racional: suas ações e seu diálogo com Deus se davam por meio da razão e não do misticismo, vislumbrado pela alegoria “amor”. Mais claramente, ao afirmar que a religião era “uma forma literária sedutora”¹⁴, Nabuco pondera que Renan afirma que o ponto chave para a compreensão da divinização de Jesus se encontrava no forte apelo emocional (NABUCO, 1906: 286):

Não é com as batidas iconoclásticas, nem com as projeções voltairianas da pregação *lazzi* que eu teria sido entregue a uma devoção que era a minha mais querida amizade de infância. Pelo contrário, foi aparentemente uma superação de amor, criando uma nova encarnação, literária, com tributos ao lado dos quais a apologética parecia pálida, que consegui apagar em meus olhos sua qualidade divina. Não foi diminuído, pensei, foi reforçado. Seu pedestal não era mais o céu, era a terra. Ele permaneceria perpetuamente o líder moral da humanidade; em vez de filhos de Deus, ele seria o primeiro de seus “criadores”. Foi perfumado pela segunda vez e para sempre em essências mais preciosas do que os aromáticos de Nicodemos.

Aqui podemos encontrar pontos em comum com a recomendação de Gama ao seu filho quando ele diz: “Deus revela-se tão somente na razão do homem” e parece ter ecos com a afirmação de E. Renan de que Jesus, mesmo não sendo Deus, “propiciou à sua espécie o maior passo em direção ao divino”, o que lhe garantiria o status de maior dentre os “filhos dos homens” a quem ensinou a “criar, afirmar e agir”, colocando o “interesse pela humanidade” acima das “ vaidades mundanas” (RENAN, 1996 (1863): 405-406). Por

¹⁴ Não deixa de ser relevante também a lembrança de que com o impacto dos estudos do Jesus Histórico, Nabuco olha para o material neotestamentário como literatura e não como um material sagrado. Um comportamento próprio dessa primeira busca pelo Jesus Histórico.

isso mesmo seus discípulos devem se “enfeixarem a sabedoria necessárias e suficientes para seu aperfeiçoamento intelectual e moral” (FERREIRA, 2005: 282);

(b) fruto e agente da História: por ser um agente histórico, seus atos e oposição não visavam a instaurar uma guerra espiritual, mas a provocada pelos próprios homens.

Seus discípulos seriam convidados a reafirmar a luta contra estruturas conservadoras. Assim, como Jesus teria se oposto à tirania do século I e.c. na Palestina, seus discípulos no Brasil monárquico e dominado pela Igreja Católica deveriam se levantar contra as estruturas de poder que estariam corrompendo o modelo defendido por Jesus, como nos dá pistas disso uma outra fala de Luiz Gama em sua *Carta a Ferreira de Menezes* (SANTOS, 2010: 36):

Sim! Milhões de homens livres, nascidos como feras ou como anjos, nas fúlgidas areias da África, roubados, escravizados, [açoitados], mutilados, arrastados neste país clássico da sagrada liberdade, assassinados impunemente, sem direitos, sem família, sem pátria, sem religião, vendidos como bestas, espoliados em seu trabalho, transformados em máquinas, condenados à luta de todas as horas e de todos os dias, de todos os momentos, em proveito de especuladores cínicos, de ladrões impudicos, de salteadores sem nome; que tudo isso sofreram e sofrem, em face de uma sociedade opulenta, do mais sábio dos monarcas, à luz divina da santa religião católica, apostólica, romana, diante do mais generoso e mais interessado dos povos; que recebiam uma carabina envolvida em uma carta de alforria, com a obrigação de se fazerem matar à fome, à sede e à bala nos esteiros paraguaios e que nos leitos dos hospitais morriam, voltando os olhos ao território brasileiro, os que, nos campos de batalha, caíam, saudando risinhos o glorioso pavilhão da terra de seus filhos; estas vítimas que, com seu sangue, com seu trabalho, com sua jactura, com sua própria miséria constituíram a grandeza desta nação, jamais encontraram quem, dirigindo um movimento espontâneo, desinteressado, supremo, lhes quebrasse os grilhões do cativo!... (GAMA, L., 1880) (Grifos nossos)

Em outras palavras, a vida missionária de Jesus, além de ser demonstrada do ponto de vista histórico e arqueológico, como apontado anteriormente, também passava por uma perspectiva histórica de releitura, o que talvez justifique as metáforas adotadas por Luiz Gama à causa negra, como podem ser percebidos na seção “Máximas à pressa”, publicadas no jornal *O Polichinelo*. Destacamos dois fragmentos respectivamente dos dias 27 de agosto de 1876 e 19 de novembro de 1876:

Cristo estabeleceu o comunismo para a salvação da sociedade; a sociedade salva proscreeve o comunismo por amor de Cristo. A

O TEMA DO JESUS HISTÓRICO NA FORMAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO: A RECEPÇÃO DE ERNEST RENAN JUNTO À INTELLECTUALIDADE BRASILEIRA OITOCENTISTA À LUZ DOS ESCRITOS DE LUIZ GAMA E JOAQUIM NABUCO

consciência é uma luz espontânea, que por si se ascende, e por si se apaga! A religião seria a luz do mundo se os padres não fossem homens, nem as igrejas praças de comércio.

O povo é o Cristo Perpétuo da sociedade, para pagar tributos, para sofrer os déspotas, para enriquecer os reis, e para morrer na forca. Quando um povo se arma, para proclamar ou defender a sua liberdade, o heroísmo e a vitória não se medem pelo número dos homens, se não pela magnitude da causa. Nas pugnas sangrentas são heróis os que vencem, e os que morrem; escravos são todos os que se deixam vencer.

Nessas falas fica claro que se E. Renan constrói um Jesus envolvido numa áurea romântica e a ser copiado sem arrogância, em Luiz Gama funda-se uma ética sobre um modelo considerado por alguns¹⁵ como uma das grandes criações francesas no transcurso do século XIX: a pobreza é um valor moral.

(c) Anticlerical e abolicionista: É interessante observar também que essa visão de Jesus corroborou para a formação de um discurso extremamente nacionalista, em que a ideia de Estado-nação inexistiu com o papel do Vaticano, e que encontrou um solo fértil para disseminação por coincidir com período da Questão Religiosa (NABUCO, 1900: 40):

Nesse tempo, e durante alguns anos, o radicalismo me arrasta; eu sou, por exemplo, quem toma parte mais ativa na campanha maçônica de 1873 contra os bispos e contra a Igreja. Entrada até nas ideias de Feijó, de uma Igreja nacional, independente da disciplina romana; faça reuniões, escreva artigos, publico folhetos. Hoje não quis mais retirar uma palavra do que disse então, advogando pela liberdade religiosa mais perfeita.

Nesse sentido, esse retrato de Jesus parece latente, ainda que divergente quanto a inexistência ou não de uma igreja cristã brasileira, como fica evidente em colocações de Luiz Gama expressas respectivamente em sua *Carta “Pela última vez”* e no *Manumissórios da Lei 4 de outubro de 1850*:

Surgiu-lhe na mente inapagável um sonho sublime, que o preocupa: “O Brasil americano e as terras do Cruzeiro sem rei e sem escravos”. Enquanto os sábios e os aristocratas zombam prazenteiros das misérias do povo; enquanto os ricos banqueiros capitalizam o sangue e o suor do escravo; enquanto os sacerdotes de Cristo santificam o roubo em nome do Calvário; enquanto a venalidade togada mercadeja impune sobre as aras

¹⁵ Entre os que defendem essa hipótese citamos o trabalho de Lígia Ferreira (2007).

da justiça, este filho dileto da desgraça escreve o magnífico poema da agonia imperial. Aguardo o dia solene da regeneração nacional, que há de vir; e, se já não viver o velho mestre, espera depô-lo com os louros da liberdade sobre o túmulo que encerrar as suas cinzas, como testemunho de eterna gratidão. (GAMA, 1869) (Grifos nossos)

O exmo. senador Feijó, prevalecendo-se de seu grande prestígio, sacerdote virtuoso e muito conceituado, levantou enérgica propaganda entre os seus colegas, nesta província. Advertiu aos vigários para que não batizassem mais africanos livres como escravos, porque semelhante procedimento, sobre ser uma inqualificável imoralidade, era um crime. Os vigários deram prova de emenda; mostraram-se virtuosos: de então em diante batizaram sem fazer assentamento de batismo! A religião, como o vestuário, amolda-se às formas do abdômen de quem o enverga: os ingênuos vigários também tinham os seus escravos... (GAMA, 1850) (Grifos nossos)

Ambos os abolicionistas estão de acordo de que a presença da Igreja Católica Romana no cenário brasileiro gerava constantes empecilhos na gestão de um Estado-nação e parecem ter levado com seriedade essas ideias, buscando disseminá-las por meio de conferências e publicação de artigos e folhetos, a tal ponto que Joaquim Nabuco, ao fazer um revisionismo de suas ações em “Minha formação” (1900), se rotulou como um radicalista¹⁶.

A informação também fornecida pelo senador quanto à ativa “campanha maçônica de 1873 contra os bispos e contra a Igreja” é de especial relevância, pois ela sinalizaria uma outra razão sobre o interesse despertado na intelectualidade brasileira sobre a pesquisa do Jesus Histórico: o seu vínculo com as lojas maçônicas, como é o caso de Luiz Gama e Joaquim Nabuco.

Passando os olhos sobre os folhetins do “Grande Oriente do Brasil”, o jornal oficial da maçonaria brasileira, e “A Família Maçônica”, jornal carioca maçônico, é possível mapear o acirramento do debate por intermédio de editoriais, notas e matérias. Além disso, se verifica o nome de Ernest Renan sendo citado como um “ilustre autor” que teria corroborado para a compreensão de que Jesus era um maçom e que estava sendo usado em tribunas no debate sobre o liberalismo e a liberdade religiosa, a tal ponto de ser

¹⁶ É interessante abordar que em “*Pensées detachées et Souvenirs*” (1906) ele demonstra certa insatisfação com as ideias de Ernest Renan, afirmando que “o otimismo renaniano sempre assume a forma aristocrática; sua imortalidade seria, portanto, reservada a uma elite muito pequena de inteligência, beleza e bondade” (NABUCO, 1906: 295). Essas teriam sido as razões que Nabuco atribuiu para o abandono de sua “idolatria” a E. Renan e a crítica à religião e passou, segundo ele, a dar maior atenção à questão da escravidão.

O TEMA DO JESUS HISTÓRICO NA FORMAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO: A RECEPÇÃO DE ERNEST RENAN JUNTO À INTELLECTUALIDADE BRASILEIRA OITOCENTISTA À LUZ DOS ESCRITOS DE LUIZ GAMA E JOAQUIM NABUCO

questionado o seu emprego pelo senador Zacharias de Góes¹⁷. Abaixo reproduzimos alguns exemplos de como Renan estava sendo citado:

Todas as opiniões são representadas nas universidades, desde que o são cientificamente; ali não se procura saber si o professor é católico ou protestante, e a prova é que Rosshirt, Mittermaier, Roberto von Mohl e outros muitos eram católicos. Peço licença ao senado para ler o trecho da obra de Renan (...). (*Boletim do Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil: Jornal Oficial da Maçonaria Brasileira*, 1874: 730)

Jesus foi maçom

(...) Alguns escritores alemães afirmam que a doutrina de Cristo é uma simples revelação da iniciação Essenia, e atestam que os primeiros cristãos foram todos iniciados Essênios. Ernest Renan, analisando as admiráveis doutrinas de Cristo, e com especialidade as que tinham por fim desligar o espírito do homem da ambição das coisas da terra para elevá-lo ao Criador (...) (*A Família Maçônica: Jornal Dedicado aos interesses da Maçonaria, da Civilização e da Humanidade*, 1875: 3)

Os jornais maçônicos, ainda corroboram para pensar um último item desse tópico: a questão da escravidão e a Igreja. Ambos os personagens aqui trabalhados foram abolicionistas e é uma constante de Luiz Gama comparar as mazelas da escravidão com o sofrimento de Jesus (GAMA, “Carta a Ferreira de Menezes”, *A Província de São Paulo*, 18 de dezembro de 1880): “O escravo foi amarrado, foi despido, foi conduzido ao seio do cafezal, entre o bando, mudo, escuro, taciturno, dos aterrados parceiros; um Cristo negro que se ia sacrificar pelos irmãos de todas as côres.”.

Contudo, os autores divergem quanto à relação entre a Igreja e a escravidão. Enquanto J. Nabuco acreditava que uma Igreja nacional era a resposta para uma Igreja que não apoiasse a escravidão, e vendo na figura de Feijó um religioso distinto dos demais, Gama não teria como se dissociar os dois temas, para ele a abolição implicava também o fim da instituição religiosa. Esse tema não parecia ser indiferente as lojas maçônicas, mas uma constante. A tal ponto que é possível facilmente encontrá-lo quando folheamos jornais maçons, como destacamos abaixo:

¹⁷ A crítica do senador foi reproduzida no “*Boletim do Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil: Jornal Oficial da Maçonaria Brasileira*” (1875) e refere-se à sessão 23 do mês de abril.

Jesus Cristo, o divino reformador, selando com o seu precioso sangue a imarcescível doutrina, que triunfando dos erros e iniquidades das sociedades antigas, acabou por dominar o mundo, proclamou a unidade e igualdade da família humana, ensinando-nos que todos os homens são filhos de Deus e como tais se dirigem, ainda que por caminhos diferentes, para um destino comum. Condenada pelo cristianismo, a escravidão continuou, todavia, a ostentar-se em escandalosas contradições com os preceitos dessa religião de paz e fraternidade, que assegura liberdade aos cativos, justiça aos oprimidos, caridade aos pobres, e a todos esperança e salvação. É que o abuso estava profundamente enraizado, e por assim dizer consubstanciado com a sociedade: é que à verdade é à justiça se-opunham a força, o interesse e a corrupção (*Boletim do Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil: Jornal Oficial da Maçonaria Brasileira*, 1872: 111)

(d) Evolucionista ou darwinista social: Esse tópico é de especial curiosidade para esse estudo, no que tange a figura de Luiz Gama, que será o único leitor de Renan a não empregar e afirmar uma leitura evolucionista do autor francês¹⁸. A sua exceção é tamanha que a historiadora Lígia Ferreira (2011: 284-285) teceu o seguinte comentário:

[...] cumpre apontar os limites da influência de Renan sobre Luiz Gama, já que ele parece ignorar o Renan teórico das diferenças raciais cujas ideias fazem coro com o darwinismo social. Contando com o desaparecimento das raças inferiores no futuro, o autor de *Qu'est-ce qu'une nation?* sonhava com uma humanidade racialmente homogênea, para a aflição de seus seguidores brasileiros, convictos, na virada do Império para a República de que era preciso embranquecer o país a qualquer preço.

Exposto isso, cabe-nos mapear esse Jesus evolucionista. As primeiras evidências se encontram nas constantes afirmações de Nabuco, de que Jesus estava preocupado com as questões de sua raça, um dado obscurecido pela “lenda” sobre a divinização de Jesus ou simplesmente o “Jesus divino” (NABUCO, 1906: 289):

Antigamente a beleza, a verdade do cenário local, a materialidade luminosa do conjunto histórico me cegavam para o caráter e a natureza da nova lenda e eu tinha apenas uma sensação, real, viva, da humanidade de Jesus, de sua essência comum com sua raça, seu tempo e o destino do judaísmo. (Grifos nossos)

¹⁸ Entre os autores contemporâneos ou não a Luiz Gama e que adotaram o modelo darwinista de Ernest Renan destacamos Francisco Adolfo de Varnhagen, Euclides da Cunha e Washington Luís.

Outro ponto central que nos permite perceber esse Jesus ecoa da definição apresentada por Nabuco (1906: 293) sobre o fanatismo:

Os fanáticos são experimentadores ingênuos que não conhecem a química. *Corpora non agunt nisi soluta*. O fenômeno mais comum na ordem moral é exatamente o que é chamado na química de ação da presença, onde dois corpos inertes em direção um ao outro se misturam assim que um terceiro aparece. A história das religiões é apenas uma longa série de reações desse tipo. A semente de todas as coisas nobres é uma só; eles foram particularizados apenas na forma e para agradar um ao outro melhor.

Com essa fala, Nabuco deixa claro que para ele o Cristianismo e demais religiões eram produtoras de um fanatismo religioso que é fruto da irracionalidade, sendo esse fenômeno facilmente descrito a partir de um método ou processo químico.

III. O fato de a biografia de Ernest Renan ter sido um livro de grande circulação nos salões e cafés da intelectualidade oitocentista brasileira e ainda não ter despertado por parte de estudiosos da religião o interesse em averiguar os seus impactos em escritos dessa intelectualidade foi o que moveu a produção desse artigo. O silêncio historiográfico pode ser detectado em nossa própria dificuldade em citar outras produções.

Contudo, acreditamos que esse silêncio não pode nem deve se justificar com o argumento da ausência de um *corpus* documental, haja vista, que nossas leituras e considerações foram norteadas constantemente por este aparato. Com isso queremos dizer que cabe aos cientistas da religião aceitar o convite de visitar materiais já devidamente explorados por cientistas políticos, historiadores e sociólogos, mas por outros prismas que não o da religião e da religiosidade. Assim será possível delinear outros cenários para um passado brasileiro por vezes já considerado como bastante explorado e/ou conhecido.

Deste modo, é preciso realizarmos uma leitura “a contrapelo” de tal forma que possamos reconstruir não apenas esse ambiente, mas também que possamos propor um balanço acerca dos poucos trabalhos produzidos no tema que já geraram concepções teóricas. Dentre eles destacamos aqui a dissertação de Thiago Rudi (2014), que faz um belíssimo esforço de pensar o papel da figura de Renan na intelectualidade brasileira, ainda que a questão religiosa e do Jesus Histórico fique restrita a poucas linhas.

Apesar do reconhecimento da empreitada, não podemos ignorar o problema teórico do trabalho que entende uma intelectualidade brasileira influenciada em longa duração por Renan. O conceito de influência em suas bases prevê a ideia de um agente produtor e outro reproduzidor. Essa concepção para nós é bastante cara, uma vez que ao ler a documentação, buscamos demonstrá-la, mas ela não se verificou. O que podemos dizer é que de fato há uma circularidade de ideias sobre Jesus produzidas por Renan que chegam aos ouvidos/olhos de seus leitores brasileiros e estes criam outros modelos de Jesus a partir de seu contexto político-social e econômico. Nesse sentido, melhor seria um olhar à luz do conceito de Carlo Ginzburg (1987: 30), que pode ser resumido nas palavras abaixo:

o termo circularidade: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo.

Em outras palavras, podemos chamar aqui de “classe dominante” o ambiente cultural europeu onde estavam sendo gestadas as ideias da primeira busca do Jesus Histórico, e de “classe subalterna” a intelectualidade brasileira que em muitos aspectos se via como aquela que tinha que aprender com o seu passado que era a Europa e não aquele de indígenas e negros. Contudo, essa “classe subalterna” é e deve ser vista como detentora de outros olhares sobre o Jesus de Nazaré, percepções que dialogam com as compreensões de “Brasil ideal” e que eram conflitantes com a noção de um “Brasil real” de finais do século XIX.

Referências

A Família Maçônica: Jornal Dedicado aos interesses da Maçonaria, da Civilização e da Humanidade. Fundo: Periódicos. Biblioteca Nacional.

Boletim do Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil: Jornal Oficial da Maçonaria Brasileira. Fundo: Periódicos. Biblioteca Nacional.

Monitor Campista. Fundo: Periódicos. Biblioteca Nacional.

O Polichinelo. Fundo: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Data da Coleção: 1876. NABUCO, J. *Minha formação*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1948 (1900).

O TEMA DO JESUS HISTÓRICO NA FORMAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO: A RECEPÇÃO DE ERNEST RENAN JUNTO À INTELLECTUALIDADE BRASILEIRA OITOCENTISTA À LUZ DOS ESCRITOS DE LUIZ GAMA E JOAQUIM NABUCO

NABUCO, J. *Pensées detachées et Souvenirs*, 1906. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4593/1/012071_COMPLETO.pdf

RENAN, E. *Vida de Jesus*. São Paulo: Martin Claret, 1996.

SANTOS, L. *Luiz Gama*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

BESOUCHET, L. “Renan e o imperador do Brasil (Influência e contraste).” In: *La Bretagne, le Portugal, le Brésil. Echanges et rapports*. Actes du Cinquantenaire de la création en Bretagne de l’enseignement du portugais, Université de Haute Bretagne, Université de Bretagne Occidentale, Université de Nantes, 1973, p. 331-58.

CHEVITARESE, A.; FUNARI, P. *O Jesus histórico*. Uma brevíssima introdução. Rio de Janeiro: Klíne Editora, 2016.

FERREIRA, L. “Luiz Gama: um abolicionista leitor de Renan.” *Estudos Avançados*, v. 21, n. 60, São Paulo, p. 271-288, 2007.

FERREIRA, L. *Com a palavra, Luiz Gama: Poemas, artigos, cartas, máximas*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

RAMIRO JUNIOR, L. *Entre o Syllabus e a Constituição moderna: debates políticos em torno da Questão Religiosa (1872-1875) no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

RUDI, T. *A grande missão do século XIX e a escrita da História de Ernest Renan (1848-1863)*. Dissertação de Mestrado. Assis: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2014.

RUDI, T. “Ernest Renan brésilien: dos papéis que um historiador francês teve no Brasil.” *Dimensões*, Franca, v. 37, p. 194-213, 2016.

Recebido em: 11 de janeiro de 2019

Aceito em: 02 de maio de 2019